interações
ISSN: 1983-2478
DOI: 10.5752/P.1983-2478.2026v21n2e212t07
PUC Minas

O REFLEXO DO DIVINO:
uma análise comparativa entre Galadriel e Maria

THE DIVINE REFLECTION:
a comparative analysis of Galadriel and Mary

EL REFLEJO DE LO DIVINO:
un análisis comparativo entre Galadriel y María

Thaïs de Matos Barbosa[*]
Universidade Federal da Paraíba
Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
João Pessoa, PB, Brasil
E-mail: thais.m.barbosa@gmail.com
ORCID: 0000-0002-6655-1409

RESUMO
Este artigo apresenta uma análise comparativa entre Galadriel, de O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien, e a Virgem Maria, investigando convergências simbólicas e divergências conceituais para identificar a influência da fé católica e da erudição medievalista do autor. Embora Tolkien rejeitasse alegorias estritas, a caracterização de Galadriel e de Lothlórien incorpora profundamente a imagética mariana. A partir da análise bíblica e de rascunhos tardios de *O Silmarillion*, evidencia-se o amadurecimento e a influência cristã sobre a personagem. De líder orgulhosa e rebelde no exílio dos Noldor, seu arco transita para uma jornada de penitência e redenção. Diversos títulos da Ladainha de Loreto encontram paralelo em suas ações na Terceira Era: "Rainha da Paz" (*Regina Pacis*) e "Refúgio dos Pecadores" (*Refugium Peccatorum*), ao reconciliar povos; e "Dispensadora de Graças" (*Mater Divinae Gratiae*) e "Sede da Sabedoria" (*Sedes Sapientiae*), ao guiar a Sociedade do Anel. O ápice dessa conexão ocorre na renúncia ao Um Anel, cuja humilde autonegação ecoa a postura de Maria na Anunciação, revertendo a desobediência e o orgulho primitivos.
Palavras-chave: J. R. R. Tolkien; Galadriel; Virgem Maria; Ladainha de Loreto; Redenção.

ABSTRACT
This article presents a comparative analysis between Galadriel, from J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings, and the Virgin Mary, examining symbolic convergences and conceptual divergences to identify the influence of the author's Catholic faith and medieval scholarship. Although Tolkien rejected direct allegory, the characterization of Galadriel and Lothlórien deeply incorporates Marian imagery. Drawing from biblical analysis and late drafts in The Silmarillion*, the study highlights the character's maturation and "Christianization". Originally portrayed as a proud rebel in the exile of the Noldor, her dramatic arc transitions into a path of penance and redemption. Several titles from the Litany of Loreto parallel her Third Age roles: "Queen of Peace" (*Regina Pacis*) and "Refuge of Sinners" (*Refugium Peccatorum*), through reconciliation; and "Dispenser of Graces"*

[*] Doutora em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Mestra em Administração pela Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Administração e em Letras pela Universidade Federal da Paraíba.

*(*Mater Divinae Gratiae*) and "Seat of Wisdom" (*Sedes Sapientiae*), in guiding the Fellowship. The pinnacle occurs in her refusal of the One Ring, whose humble self-denial echoes Mary's Annunciation, reversing primal pride and disobedience.*
Keywords: *J. R. R. Tolkien; Galadriel; Virgin Mary; Litany of Loreto; Redemption.*

RESUMEN
Este artículo presenta un análisis comparativo entre Galadriel, de El Señor de los Anillos de J. R. R. Tolkien, y la Virgen María, investigando convergencias simbólicas y divergencias conceptuales para identificar la influencia de la fe católica y la erudición medievalista del autor. Aunque Tolkien rechazó la alegoría estricta, la caracterización de Galadriel y de Lothlórien incorpora profundamente la imaginería mariana. A partir del análisis bíblico y de borradores tardíos en El Silmarillion*, se evidencia la maduración y "cristianización" del personaje. De líder orgullosa y rebelde en el exilio de los Noldor, su arco transita hacia un camino de penitencia y redención. Diversos títulos de la Letanía de Loreto hallan paralelismo en sus acciones en la Tercera Edad: "Reina de la Paz" (*Regina Pacis*) y "Refugio de los Pecadores" (*Refugium Peccatorum*), al reconciliar pueblos; y "Dispensadora de Gracias" (*Mater Divinae Gratiae*) y "Asiento de la Sabiduría" (*Sedes Sapientiae*), al guiar a la Comunidad. La cúspide ocurre al rechazar el Anillo Único, cuya humilde abnegación evoca la Anunciación mariana, revirtiendo el orgullo y la desobediencia primitivos.*
Palabras clave: *J. R. R. Tolkien; Galadriel; Virgen María; Letanía de Loreto; Redención.*

1 INTRODUÇÃO

J. R. R. Tolkien foi um professor e escritor inglês que se tornou reconhecido através de suas obras de literatura de fantasia, sendo *O Senhor dos Anéis* uma das mais importantes e relevantes deste vasto *legendarium* produzido pelo autor.

Embora na introdução da supramencionada obra, Tolkien tenha pedido que o leitor não fizesse quaisquer relações entre sua obra e qualquer realidade análoga, seja esta no presente ou passado (Semmelmann, 2017), sua escrita não impede a possibilidade que sua obra possa ter sofrido influências de certas histórias de pessoas de grande prestígio na tradição clássica e medieval e que isso possa, de certa maneira, tê-lo direcionado na elaboração dos seus personagens.

Particularmente nessa discussão, faz-se necessário ressaltar a presença de elementos do Cristianismo fortemente arraigados à narrativa tolkieniana. Personagens como Gandalf, o Cinzento, que morre nas Minas de Moria e, pouco tempo depois, retorna à vida como Gandalf, o Mago Branco, traz, em si, uma forte referência à ressurreição de Cristo, bem como os *hobbits* Frodo e Sam, cuja representação da passagem bíblica de Lucas, 20:17 que se refere à ideia do menor e menosprezado sendo o veículo essencial para a salvação. Essa fundamentação teológica ganha profunda robustez crítica quando amparada pelas análises de David Harvey (2016), em seu livro *The Song of Middle-earth: J. R. R. Tolkien's themes, symbols and myths*, e de Fleming Rutledge (2004), em *The Battle for Middle-earth*

Tolkien's Divine Design in The Lord of the Rings.

Harvey demonstra que o sacrifício de Gandalf constituiu uma abnegação voluntária e humilde em conformidade às "Regras" da autoridade que as ordenou, permitindo sua reincorporação sob um padrão providencial de queda, redenção e restauração da harmonia universal. Sob a perspectiva do homem comum (*Everyman*), Harvey aponta que os *hobbits* materializam o heroísmo inesperado de criaturas de pequena força física, cuja vitória final depende de virtudes tipicamente cristãs, como a piedade e a misericórdia. Complementando essa visão, Rutledge argumenta que a jornada desses pequenos heróis transcende a mecânica literária de uma busca arquetípica para se consolidar como uma genuína *missio* (missão ou chamado), orquestrada pela Providência oculta de Deus. A eleição deliberada dos vulneráveis e desprovidos de linhagem para sacudir os conselhos dos grandes e soberbos evoca diretamente a dinâmica paulina de 1 Coríntios 1:26-27 e o *Magnificat* de Lucas 1:52, evidenciando o "dedo de Deus" operando secretamente na história por meio daqueles que aceitam carregar de forma livre e sacrificial o fardo do mundo.

Mesmo que Tolkien não considerasse a sua obra uma alegoria, o mesmo nunca descartou abertamente a utilização de outras fontes de modo a inspirá-lo em sua escrita, e isso pode ser percebido na construção da personagem élfica Galadriel.

Sendo assim, esse texto tem como objetivo analisar a relação entre Galadriel, personagem élfica, e Maria, de modo a estabelecer convergências e possíveis divergências que possam ter influenciado Tolkien no desenvolvimento de sua personagem. Para isso, ambos os textos serão analisados, a Bíblia e a obra *O Senhor de Anéis*, de maneira comparativa.

2 GALADRIEL, A RAINHA ÉLFICA

Galadriel era a senhora dos bosques de Lothlórien, ao lado do seu marido, o elfo Celeborn. Ela era uma das maiores entre os elfos da Terra-Média, superando quase todos em beleza, conhecimento e poder. A elfa viveu na Terceira Era[1] da Terra Média e era portadora do anel Nenya, um dos três anéis do poder dados aos elfos.

Ela era filha mais nova, sendo a única mulher, de Finarfin, príncipe dos Noldor e de

[1] A Terceira Era foi a Era de Arda que durou 3021 anos, desde a primeira derrota de Sauron pelas forças da Última Aliança e as mortes de Elendil e Gil-galad, até a partida de Gandalf, Galadriel, Elrond, Bilbo, e Frodo para as Terras Imortais depois da queda final de Sauron durante a Guerra do Anel. A Era foi de transição, pois o tempo dos Elfos deu lugar ao governo dos Homens. O primeiro milênio foi principalmente pacífico, marcado pelo crescente poder de Gondor e paz e prosperidade para as terras do oeste. No entanto, com o retorno da sombra, o mal começou a crescer mais uma vez, levando à guerra e outras calamidades. Fonte: https://terramedia.fandom.com/wiki/Terceira_Era. Acesso em: 24 mai 2026.

Eärwen, cuja prima era Lúthien. Seus irmãos mais velhos eram Finrod Felagund, Orodreth, Angrod e Aegnor. Galadriel era sobrinha de Fëanor, o elfo mais importante do início da Primeira Era.

Galadriel nasceu em Valinor, nos Anos das Árvores, antes da Primeira Era do Sol, sendo grande parte de sua história bastante confusa, os quais estão reunidos na obra *Contos Inacabados*. Em *O Silmarillion*, especificamente nos capítulos que narram a rebelião dos Noldor e o subsequente exílio, é dito que ela foi uma participante e líder na rebelião dos Noldor e na fuga de Valinor, pois possuía um grande desejo de governar a Terra-Média, a qual não conhecia.

Na Primeira Era, vivendo em Beleriand, conheceu Celeborn. Embora não tenha participado da Guerra da Primeira Era, por acreditar que matar Morgoth estaria acima do poder dos Eldar, foi dada a ela a chance de retornar à Valinor, o que foi recusado por ela.

Na Segunda Era, Galadriel e Celeborn formaram um feudo, juntamente com Gil-Galad, e tem uma filha, Celebrían. Os mesmos se mudam bastante: primeiramente, viveram em Lindon; depois, mudaram-se para Eregion, a oeste de Khazad-dûm; e, ao final, situaram-se no Vale do Anduin, que viria a ser conhecido como Lothlórien.

Nesse período, o Maia Annatar, também chamado de "Senhor dos Presentes", guiou os elfos de Eregion, incluindo Celebrimbor, na criação dos Anéis do Poder. A princípio, Galadriel desconfiou do Maia, o que, a posteriori, justificou-se: este era Sauron[2].

Como ela era consciente do poder de Sauron e do seu desejo de governar, Galadriel aconselhou Celebrimbor a esconder os anéis. Quando Eregion foi atacada, ela ficou responsável por Nenya, o Anel da Água. Sauron esperava que, quando ele possuísse poder sobre todos os anéis, Galadriel utilizasse o dela, o que não ocorreu. No entanto, durante a Terceira Era, quando o Um Anel foi perdido, ela o colocou em bom uso protegendo as fronteiras de seu reino, pois os poderes de seu anel eram proteção, preservação e ocultação do mal.

[2] Sauron (Quenya; [ˈsaʊron] ou [ˈθaʊron]), o Senhor dos Anéis que dá nome à saga, foi o maior Maia caído, um antigo discípulo renomado de Aulë, o principal agente do primeiro Senhor do Escuro, Morgoth, nos Dias Antigos (Primeira Era), o segundo Senhor do Escuro, o criador do Um Anel e autoproclamado governante da Terra-média na Segunda Era e perto do fim da Terceira Era. Nos dias que antecederam os dias, Sauron foi corrompido por Melkor (mais tarde chamado Morgoth) para trair os Valar e servi-lo. Ele serviu como principal tenente de Morgoth durante toda a Primeira Era. Após a expulsão de Morgoth pelos Valar no final da Primeira Era, Sauron se escondeu por orgulho e vergonha. Para os Sindar de Beleriand, Sauron era conhecido como Gorthaur na Primeira Era. Sauron retornou à Terra-média cerca de 500 anos após o início da Segunda Era, tornando-se o segundo Senhor do Escuro e tramando conquistar a Terra-média como seu antigo mestre fizera. Depois de enganar os Elfos para que criassem os Anéis do Poder, Sauron forjou o Um Anel com a intenção de usá-lo para dominar a vontade dos senhores Elfos que portavam os outros Anéis. Dessa forma, ele esperava dominar os Elfos e, por fim, subjugá-los, juntamente com o resto da Terra-média, ao seu domínio. O plano, contudo, falhou, e Sauron travou uma longa, porém infrutífera, guerra contra os Elfos e os Númenorianos. Derrotado, Sauron retornou a Mordor para reconstruir suas forças, e o mundo conheceu a paz por um tempo. Fonte: https://lotr.fandom.com/wiki/Sauron. Acesso em: 24 mai 2026.

Na Terceira Era, Galadriel casou sua filha com o elfo Elrond, de Valfenda, e, com isso, Arwen Undómiel era sua neta. Pouco se sabe sobre ela nessa era, exceto após o Conselho Branco, que reúne forças contra Sauron e, da mesma maneira, ela oferece seu poder contra ele.

Pouco antes da Guerra do Anel, Galadriel hospedou a Sociedade do Anel após sua fuga das minas de Moria. Uma vez em Caras Galadhon, Galadriel permitiu que Frodo Bolseiro e Samwise Gamgee espiassem o Espelho de Galadriel, permitindo-lhes vislumbrar possíveis eventos do futuro. Ela, por sua vez, foi testada quando Frodo mais tarde se ofereceu para colocar o Um Anel em seu poder. Para ilustrar o que aconteceria se ela aceitasse, ela apresentou uma imagem de si mesma corrompida pelo anel, que tomaria uma força inimaginável em si.

Ela rapidamente retornou à sua forma original, aparentemente menor e mais frágil do que antes, declarando que havia *passado no teste*, recusando o Anel e aceitando o destino de diminuir (como o tempo do Domínio de Homens tinha chegado), retornando finalmente para Valinor.

Quando a Sociedade partiu, ela deu a cada membro um presente e um manto élfico, e equipou o grupo com barcos e suprimentos. Gimli, em particular, foi tocado pela nobreza e beleza de Galadriel, e pediu uma mecha de seu cabelo dourado como herança de sua casa; ela generosamente lhe deu três (tendo recusado o mesmo pedido de Fëanor); Gimli, mais tarde, guardou o presente em um cristal inexpugnável

Faz-se importante ressaltar que a história do *O Senhor dos Anéis* se passa na Terceira Era da Terra-Média e, por isso, esse texto se voltará às narrativas de Galadriel nesse período.

3 A NATUREZA DA LUZ: GALADRIEL E A PRESERVAÇÃO DA PUREZA

Nesse ponto, faz-se necessário considerar a narrativa biográfica de Galadriel, de modo que se possa entender o principal aspecto sobre essa personagem: o seu caráter penitente.

Durante a Primeira Era, o Fratricídio de Alqualondë[3], evento trágico ocorrido entre

[3] O Fratricídio em Alqualondë foi o primeiro assassinato de um elfo por outro elfo na história, pelas forças de Fëanor para acelerar a perseguição a Morgoth, que havia fugido com as Silmarils para a Terra-média. Este ato proibiu os Ñoldor de retornar a Aman, as terras do Oeste, por séculos. Ocorreu logo após a destruição das Duas Árvores de Valinor, perto do fim da Primeira Era. Fonte: https://lotr.fandom.com/wiki/Kinslaying_at_Alqualondë. Acesso em: 24 mai 2026.

os Teleri[4] e os Noldor[5], marcou profundamente a existência dessa personagem, a qual lutou ao lado dos Teleri (a mesma era meio-Teleri pelo lado de sua mãe).

A batalha entre os dois grupos élficos resultou na vitória de Fëanor, com os Noldor e, ainda assim, ela não se rendeu aos Valar, sendo assim excomungada e se exilando em Beleriand.

Em *O Silmarillion*, publicado em 1977 após a morte de Tolkien, tem pouquíssimo a dizer sobre a participação de Galadriel na rebelião dos Noldor. Tudo o que nos é dito é que

> Galadriel, a única mulher dos Noldor a se manter alta e valente naquele dia entre os príncipes em disputa, estava ansiosa para partir. Ela não fez juramentos, mas as palavras de Fëanor [seu tio] sobre a Terra-média acenderam seu coração, pois ela ansiava por ver as vastas terras desprotegidas e governar lá um reino por sua própria vontade (Tolkien, 2013, p. 83-84).

Não há menção de uma proibição específica ao retorno de Galadriel, apenas da perdição ou maldição geral de Mandos sobre os rebeldes, especialmente a Casa de Fëanor, pelo fratricídio dos Teleri em Alqualondë (Tolkien, 2013, p. 85-90). Em *O Silmarillion*, Galadriel não esteve envolvida no fratricídio. No entanto, ela foi manchada por associação, pois era sobrinha de Fëanor e especialmente porque tinha sangue Teleriano por meio de sua mãe Eärwen, filha de Olwë, Senhor dos Teleri. Assim, nesta obra, o *pecado* de Galadriel é principalmente um de omissão.

Com a saída de Galadriel para Beleriand, mais especificamente a região de Doriath, ela fez amizade com Melian, a Maia, esposa de Thingol e mãe de Lúthien Tinúviel.

Quando Melian perguntou a Galadriel sobre a fuga dos Noldor, ela respondeu:

> "Nós não fomos expulsos, mas viemos por nossa própria vontade, e contra a dos Valar. E por grande perigo e a despeito dos Valar, para este propósito viemos: para nos vingarmos de Morgoth, e recuperar o que ele roubou." [...] mas ainda assim ela não disse uma palavra sobre o Juramento [de Fëanor], nem sobre o Fratricídio, nem sobre a queima dos navios em Losgar (Tolkien, 2013, p. 127).

Melian, no entanto, adivinhou que Galadriel estava escondendo algum segredo sombrio e avisou Thingol, que acabou descobrindo a verdade por meio de Círdan, o

[4] Os Teleri (Quenya: Aqueles que vieram por último; singular Teler; adjetivo Telerin) foi o terceiro dos clãs Elfos que foram para Aman. Aqueles que chegaram em Aman ficaram conhecidos como os Falmari. Eles eram os ancestrais dos Teleri de Valinor, e os Sindar, Laiquendi e Nandor da Terra-média. Fonte: https://lotr.fandom.com/wiki/Teleri. Acesso em: 24 mai 2026.

[5] Os Noldor são uma raça de Elfos nas obras de J. R. R. Tolkien, conhecidos pela sua sabedoria, habilidade artesanal e sede de conhecimento, sendo o *Segundo Clã* entre os Elfos em ordem e tamanho. Após migrarem para Valinor, foram os primeiros a se rebelarem contra os Valar ao seguirem o Vala Melkor para a Terra-média em busca de vingança e dos Silmarils, o que resultou na *Maldição dos Noldor*. Fonte: https://tolkiengateway.net/wiki/Noldor. Acesso em 24 mai 2026.

Armador, que tinha ouvido rumores sombrios sobre o fratricídio. Quando os irmãos de Galadriel, os *filhos de Finarfin*, vieram visitá-la em Doriath, Thingol os confrontou com raiva com esses rumores. Um deles, Angrod, confessou a verdade, mas tentou eximir a casa de Finarfin de culpa: "Então Angrod falou amargamente contra os filhos de Fëanor, contando sobre o sangue em Alqualondë, e a Perdição de Mandos, e a queima dos navios em Losgar. E ele gritou: 'Por que nós, que suportamos o Gelo Quebradiço [*Helcaraxë*], deveríamos ter a fama de fratricidas e traidores?'" (Tolkien, 2013, p. 129). Ao que Melian respondeu com visão profética: "No entanto, a sombra de Mandos recai sobre vós também" (Tolkien, 2013, p. 129), e como Fëanor e seus filhos, os filhos de Finarfin também pereceram na Terra-média. Por implicação, a sombra de Mandos também recai sobre Galadriel.

Contudo, no final do *Quenta Silmarillion*[6] publicado, Galadriel é claramente incluída no perdão geral dos Valar no final da Primeira Era. Diz-se que os Elfos de Beleriand foram readmitidos no amor de Manwë e no perdão dos Valar; e os Teleri perdoaram sua antiga mágoa, e a maldição foi posta a repouso. No entanto, nem todos os Eldalië[7] estavam dispostos a abandonar as Terras Ocidentais onde haviam sofrido e vivido por tanto tempo; e alguns permaneceram por muitas eras na Terra-média. Entre estes estavam Círdan, o Armador, e Celeborn de Doriath, com Galadriel sua esposa, que permaneceu sozinha dentre aqueles que lideraram os Noldor para o exílio em Beleriand (Tolkien, 2013, p. 254).

Embora em *O Senhor dos Anéis*, seja perceptível um certo tom de tristeza em sua narrativa, não há quaisquer indícios no texto que indiquem que a sua permanência na Terra-média seja contra a sua vontade.

De acordo com Lakowski (2007), os primeiros rascunhos desta passagem, escritos em 1942, são mais explícitos e sugerem fortemente que Tolkien já (antes de Galadriel ter entrado na tradição d'*O Silmarillion* em 1951) a concebia como uma exilada (voluntária) de Valinor: "O senhor e a senhora de Lothlórien são considerados sábios além da medida dos Elfos da Terra-média, e de todos que não passaram além dos Mares. Pois nós habitamos aqui desde que as Montanhas foram erguidas e o Sol era jovem" (*A História da Terra-média* 7, p. 248). Em *Dos Anéis de Poder e da Terceira Era* em *O Silmarillion*, encontramos a afirmação semelhante (mas com mais ênfase no poder de Galadriel): "Uma rainha ela era dos Elfos da floresta, a esposa de Celeborn de Doriath, no entanto ela mesma era dos Noldor e se

[6] *Quenta Silmarillion* significa *O Conto das Silmarils* em Quenya e refere-se à maior parte do livro *O Silmarillion* de J.R.R. Tolkien, que narra a história da Primeira Era da Terra Média, focando na saga das joias forjadas pelo elfo Fëanor.

[7] Eldalië é o nome Quenya para os Elfos que iniciaram a Grande Viagem de Cuiviénen, em contraste com os Avari que recusaram a viagem. Deriva da palavra *Elda* e da palavra *-lie*, que significa *povo*, ou *Povo dos Eldar*.

lembrava do Dia antes dos dias em Valinor, e ela era a mais poderosa e mais bela de todos os Elfos que permaneceram na Terra-média" (Tolkien, 2013, p. 298).

A ideia do exílio voluntário da personagem fica clara em *O Senhor dos Anéis*, quando Galadriel, no capítulo *O Espelho de Galadriel*, depois que Frodo acabou de lhe oferecer o Anel, que ela recusa, diz: "Passei no teste [...] Eu diminuirei, e irei para o Oeste, e permanecerei Galadriel" (Tolkien, 2000a, p.357).

Para Lakowski (2007, p. 97),

> A única interpretação razoável ou natural dessas passagens é que Galadriel pensava, neste ponto, que ela estava livre para retornar a Valinor. A visão de que Galadriel tinha um conhecimento profético do Perdão dos Valar é, na melhor das hipóteses, muito forçada, e parece contradita até mesmo pela declaração tardia em "O Shibboleth de Feanor" (depois que a proibição havia entrado na história) citada acima, de que seu Lamento foi proferido antes que ela soubesse do perdão dos Valar. Tolkien obviamente "ignorou" ou se esqueceu dessas inconsistências quando desenvolveu sua história tardia da Proibição dos Valar.

Toda essa ênfase nos vários nomes de Galadriel e em seu cabelo dourado nos escritos tardios de Tolkien (com suas associações perigosas com o orgulho e a vaidade femininos) está muito distante do espírito, se não da letra, de *O Senhor dos Anéis*, onde a ênfase na beleza espiritual e sabedoria de Galadriel está paradoxalmente acoplada a um profundo senso de sua humildade e à sua própria profunda consciência das limitações de seu poder, enfatizadas pelo duplo uso do verbo "diminuir" nas passagens citadas acima.

Pode-se perceber isso na passagem da *tentação* de Galadriel por Frodo ao receber a proposta de possuir o Um Anel. Nos rascunhos da obra, segundo Lakowski (2007), a risada é importante (em rascunhos posteriores é declarado ainda mais fortemente que ela ri "com uma risada repentina e clara de [pura] alegria" (Tolkien, 2000a, p. 260-261) como um sinal claro da consciência de Galadriel de suas próprias limitações de criatura e é mantida no texto impresso.

Segundo Lakowski (2007, p.100-101),

> Tudo isso está em nítido contraste com a imagem de Galadriel que emerge nos escritos tardios de Tolkien. Nesta cena crucial, primeiro vem a manifestação de seu poder. Mas então ela sabe muito bem que está sendo "testada". Sua risada antes e depois é um sinal claro para Frodo de que ele não tem nada a temer—ela está na "piada". Ela tem autoconhecimento e humildade suficientes para admitir que sente a atração do Anel. Mas ela sabe que nunca poderá possuir o Anel, que ele acabaria por possuí-la. Ela voluntária e livremente renuncia a toda reivindicação ao Anel e aceita sua "diminuição". Após a manifestação de seu poder se desvanecer, ela aparece "encolhida: uma esbelta mulher-elfo, vestida de branco simples", e então seguem suas belas, comoventes e pungentes palavras de renúncia. As

> palavras cruciais (já citadas) "Eu diminuirei" ecoam claramente o "É necessário que ele cresça e que eu diminua" de João Batista em João 3:30. Mas igualmente claramente, toda a cena também tem ecos do Magnificat da Virgem Maria. Galadriel é paradoxalmente exaltada porque está disposta a ser humilhada. Se há alguma verdade na própria afirmação posterior de Tolkien de que a figura de Galadriel foi modelada na Virgem Maria (embora ela seja claramente, como Tolkien não diz, também modelada na figura tradicional da "Rainha das Fadas"), o paralelo deve ser encontrado precisamente nesta mistura paradoxal de poder com humildade e renúncia.

A mesma imagem de *diminuição* também pode ser encontrada na descrição de Galadriel no capítulo *Adeus a Lórien*, quando ela encontra Frodo e os outros membros da Sociedade pela última vez, quando não é mais descrita como assustadora, perigosa ou terrível, mas como élfica-bela, para além do desejo do coração.

Um exame cuidadoso das evidências textuais sugere muitas e impressionantes diferenças entre as imagens de Galadriel que emergem em *O Senhor dos Anéis* e nos escritos tardios de Tolkien, especialmente *O Shibboleth de Fëanor*. O próprio Tolkien parece ter percebido os problemas com esses relatos tardios de Galadriel, e no final de sua vida, ele fez uma mudança final e extraordinária na história que exonerou completamente Galadriel de qualquer participação na Rebelião dos Noldor (Lakowski, 2007).

Segundo Tolkien (1995, p. 431),

> Galadriel era "não manchada": ela não tinha cometido atos malignos. Ela era uma inimiga de Fëanor. Ela não chegou à Terra-média com os outros Noldor, mas independentemente. Suas razões para desejar ir para a Terra-média eram legítimas, e ela teria sido permitida a partir, mas pelo infortúnio de que antes de ela partir a revolta de Fëanor estourou, e ela se envolveu nas medidas desesperadas de Manwë, e na proibição de toda emigração.

Sendo assim, pode-se, entre a luz, a tentação e a expiação da personagem élfica, trazer-se um contraponto com a Virgem Maria, a qual foi fonte de inspiração, conforme outrora mencionado, para a criação de Galadriel.

4 A PUREZA DE MARIA E A LUZ DO MUNDO

Por mais que Tolkien solicite aos seus leitores um distanciamento de suas obras de textos análogos pré-existentes, é muito difícil não considerar que existem, de fato, influências de um cristianismo – que o próprio autor viveu – em sua obra. Embora essa postura defenda a *aplicabilidade* interpretativa em detrimento da rigidez alegórica, como bem sintetiza Semmelmann (2017, p. 18), o autor rejeitava o recurso metafórico deliberado,

buscando uma história que proporcionasse o prazer da leitura; para ele, "o mito e o conto de fadas devem conter a verdade moral e religiosa, mas alusivamente, não de forma explícita" (Duriez, 2006, p. 70).

A legitimidade de investigar o substrato providencial e a constituição moral em uma narrativa de alta fantasia encontra fundamentação metodológica sólida nas pesquisas brasileiras sobre a interface entre Teologia e Literatura. Sob a óptica de Antônio Manzatto (1994), a literatura de ficção funciona como uma via antropológica privilegiada para a revelação do humano, permitindo que a teologia acesse, por meio das trajetórias e das fragilidades dos personagens, esferas do real e da condição existencial que muitas vezes escapam ao rigor das ciências sistemáticas. No ecossistema tolkieniano, essa antropologia literária se desvela de forma exemplar na construção dos *hobbits* (Frodo e Sam) que, despidos do status de heróis inabaláveis, operam a *eucatástrofe* justamente a partir do reconhecimento de suas limitações cotidianas e do exercício das virtudes comuns.

Essa mediação estética e alusiva se coaduna com a tese de José Carlos Barcellos (2000), que propõe a literatura como um autêntico *lugar teológico* contemporâneo. Para o autor, o fazer poético não necessita de um discurso confessional ou de alegorias rígidas para manifestar o sagrado; em vez disso, a teologia se absorve no interior da própria tessitura do texto, operando por meio da força evocativa do símbolo. Assim, a ausência de templos ou rituais formais na Terra-Média não sinaliza um esvaziamento espiritual, mas sim, conforme a hermenêutica apresentada por Barcellos (2000), uma escolha estética em que as realidades transcendentais e o *dedo de Deus* são assimilados intuitivamente pelo leitor por meio do testemunho, do sacrifício e da profunda vivência da alteridade e da amizade entre as personagens.

De acordo com Duriez (1992, p. 100), na verdade Galadriel era uma penitente: na sua juventude, uma líder na rebelião contra os Valar (os guardiões angélicos). No final da Primeira Era, ela orgulhosamente recusou o perdão ou a permissão para retornar. Ela foi perdoada por causa de sua resistência à tentação final e esmagadora de tomar o Anel para si.

O orgulho nunca foi uma característica da Virgem Maria. Comentaristas medievais e escolásticos, como Bernardo de Claraval e Tomás de Aquino, apontam a humildade de Maria diante da Vontade Divina como sua virtude primordial, condicionante para a própria Encarnação (Claraval, 1999, Hom. IV, p. 81-85; Aquino, 2005, ST III, q. 30, a. 1, p. 343-345). Essa centralidade da modéstia mariana cruza fronteiras confessionais, encontrando eco na Reforma Protestante: em seu comentário *O Louvor de Maria* (*Das Magnificat*), Martinho Lutero enfatiza justamente a humildade da mãe de Jesus, baseando-se no próprio cântico

do *Magnificat* (Lucas 1:46-55), onde a baixeza da serva é exaltada pela graça divina. Essa convergência teológica se reflete diretamente nas artes visuais; artistas que retrataram a Anunciação empregaram uma pose iconográfica padrão de uma jovem recatada com a cabeça curvada e as mãos cruzadas (Maher, 2003).

Além disso, Galadriel teve uma filha, Celebrían, sem intervenção milagrosa; portanto, não há paralelo com a virgindade de Maria. Considerando esses fatos, uma analogia simples entre Galadriel e a Virgem Maria é impossível por duas razões importantes. Primeiro, Tolkien rejeitou qualquer analogia direta; e segundo a diferença entre a história de Galadriel e a de Maria torna tal analogia impossível, a princípio, de acordo com o autor da obra.

Entretanto, pode-se, a partir de um vasto *corpus* de textos medievais que citam Maria, e dada a erudição de Tolkien e sua religiosidade, é possível supor sua familiaridade com as principais fontes da piedade mariana medieval.

Uma das obras que se pode considerar é a *Homiliae in laudibus Virginis Matris*, de Bernardo de Claraval. Na Ladainha de Loreto, em que há descrições das imagens de Maria, uma oração na qual um líder, não necessariamente um sacerdote, invoca um conjunto de curtas petições às quais a congregação responde após cada súplica com uma resposta específica como *Senhor, tende piedade* ou *Ora/orate pro nobis.*

Segundo Maher (2003), essa devoção à Virgem ganhou ainda mais aclamação quando foi impressa pelo jesuíta Peter Canisius, em 1558. A versão impressa da ladainha foi disseminada por peregrinos que levaram a oração de volta com eles para suas cidades natais por toda a Europa. Católicos fiéis recitam esta ladainha desde então, e sem dúvida o próprio Tolkien estaria familiarizado com a ladainha, pois a rubrica usual de rezar o terço comunitário incluía a Ladainha de Loreto. Na igreja pré-Vaticano II, a recitação da ladainha era uma das devoções mais comuns praticadas pelos leigos. Ela apresentava ao devoto peticionário muitas imagens de Maria que, como as seguintes citações demonstram, são semelhantes às imagens usadas por Tolkien em sua descrição de Galadriel e da terra que ela governava, Lórien.

Quando a Sociedade do Anel chegou a Lórien, sua tristeza por perder o companheiro Gandalf foi temporariamente aliviada pelas águas murmurantes e pela "pitada de ouro ocre" que os saudou na chegada (Tolkien, 2000a, p. 438). Lórien era a terra do ouro, cujo pleno brilho foi descrito pela primeira vez através dos olhos de Frodo quando ele viu pela primeira vez as esplêndidas folhas douradas das árvores *mallorn*. Até mesmo aqueles que temiam Galadriel se referiam a ela como a "Senhora da Magia, que habita no Bosque Dourado" (Tolkien, 2000b, p. 348), confirmando assim a conexão entre o ouro e Lórien.

Essa conexão é existente no texto da Ladainha de Loreto, onde Maria é referida como a Domus Aurea, a "Casa de Ouro" (Maher, 2003). A designação, no entanto, não é dada diretamente a Galadriel, mas à terra em que ela habita. Outro atributo da terra de Lórien dado a Maria é *Immaculata*, sem mancha. Tolkien a descreve da seguinte forma: "Nenhuma mancha ou doença podia ser vista em nada que crescia sobre a terra. Na terra de Lórien não havia mancha" (Tolkien, 2000a, p. 455). Esta atribuição de sem mancha vem do Cântico dos Cânticos: "Tota pulchra es, Amica mea, et macula non est in te" (Cântico dos Cânticos 4:7). Traduzido poeticamente, lê-se: "Tu és toda formosa, ó meu amor, e não há mancha em ti". Tal atributo não poderia ser dado a Galadriel, uma vez que sua revolta, não mencionada no texto, a torna inelegível para este título. A terra, no entanto, recebeu o título de imaculada, uma designação dada a Maria na Ladainha de Loreto como *Mater Inviolata*, Mãe imaculada.

Nem todas as designações dadas a Maria na Ladainha de Loreto são características da terra de Lórien. A maioria dos atributos são concedidos apenas à própria Galadriel, em vez de à terra de Lórien. Embora Galadriel não possa ser considerada imaculada, Tolkien a identifica como não tendo nenhuma *maculae* externa.

Uma das designações dadas a Maria na Ladainha de Loreto é *Stella Matutina*, *Estrela da Manhã*. Maria é chamada de *Estrela da Manhã* por causa de sua chegada na história da salvação, como a estrela da manhã, a arauto da vinda do sol, que no simbolismo cristão é a pessoa de Jesus. Ligar Galadriel à estrela da manhã levanta algumas dificuldades. Segundo Maher (2003, p. 228),

> A geografia de Tolkien tem limites morais, bem como naturais. O "oeste" é designado como a terra da bondade, enquanto Mordor, com todas as suas maquinações malignas, fica a leste. A estrela da manhã brilha a leste e, portanto, se coloca geograficamente, de acordo com o mundo de Tolkien, em um lugar maligno. Se desconsiderarmos o adjetivo "manhã" e ficarmos apenas com o substantivo "estrela", então vários textos apontam para uma conexão entre Maria como "estrela" encontrada na Ladainha de Loreto e a associação de uma estrela com a personagem de Galadriel. Na ladainha, Maria é a estrela da manhã, e na obra de Tolkien, Galadriel é a doadora de uma estrela – o frasco estelar dado a Frodo que brilha com a luz brilhante de Lórien nos recantos mais escuros do covil de Laracna. A estrela da manhã e o frasco estelar – ambos – dão luz em um momento de escuridão. O frasco estelar serve como um guia para Sam, assim como outra imagem de Maria serve para os marinheiros, *Stella Maris*, "Estrela do Mar". Embora esta imagem de *Stella Maris* não esteja na Ladainha de Loreto, era uma imagem importante de Maria, especialmente entre os marinheiros.

Alguns dos títulos dados a Maria na Ladainha de Loreto forneceram a um escritor espiritual do século XVIII, Afonso de Ligório (1696–1787), uma estrutura para falar sobre

suas qualidades (Maher, 2003). Enquanto o texto da ladainha fornece apenas frases curtas, a obra de Ligório, intitulada *As Glórias de Maria*, fornece ao leitor uma elaboração maior dos títulos de Maria encontrados na Ladainha de Loreto, usando as Escrituras, escritos patrísticos e outras devoções. Pode-se mencionar o texto de Ligório como um comentário sobre a ladainha com confiança, já que era um texto devocional muito popular, certamente conhecido por Tolkien. Nele, Ligório (parte 2, capítulo 2) sobre a designação *Mater Inviolata*: Assim, ela – Maria - foi feita a pacificadora do pecador. Galadriel, como Maria, se tornou conhecida como uma pacificadora.

Quando Gimli e Legolas estavam prestes a entrar em Lórien, um dilúvio de acusações ocorreu entre os dois a respeito do passado. Em sua partida, eles compartilham um único barco, pois "agora se tornaram amigos íntimos" (Tolkien, 2000a, p. 481). A reconciliação e a paz subsequente entre Anão e Elfo ocorreram porque ambos amam Galadriel. Galadriel é referida como "Rainha" (Tolkien, 2000b, p. 194) e Maria, na ladainha, é invocada como *Regina Pacis*, *Rainha da Paz*. Esta designação de Galadriel como fonte ou causa da paz é confirmada por sua ordem para os viajantes ao final do seu dia: "não deixem seus corações perturbados...Hoje à noite, vocês dormirão em paz" (Tolkien, 2000a, p. 462).

Este foi um momento transformador para Gimli. A partir deste ponto, qualquer menção à senhora seria seguida por arrebatamento, e qualquer desdita ao seu nome seria rapidamente seguida por um brilho de aço. Aqui, Galadriel assume não apenas o papel de *Rainha da Paz*, mas também outro papel atribuído a Maria na ladainha, *Refugium Peccatorum*, *Refúgio dos Pecadores*. No final do discurso de Galadriel, Celeborn pede a Gimli "para esquecer suas palavras duras" (Tolkien, 2000a, p. 462). Galadriel tinha sido o refúgio de Gimli e a causa de sua reconciliação diante do julgamento do senhor de Lórien.

Imediatamente após esta reconciliação, Galadriel fala com o Portador do Anel, afirmando que ela e Celeborn conhecem o propósito da missão e que "não será em vão, talvez, que viestes a esta Terra buscando ajuda" (Tolkien, 2000a, p. 468). Na Ladainha de Loreto, Maria é referida como a *Auxilium Christianorum*, *Auxílio dos Cristãos*. Ela também é chamada na ladainha de *Mater Divinae Gratiae*, *Mãe da Divina Graça*. Ligório (2020 2020, parte 1, cap. 5, ponto 1, p. 139) fornece a seguinte glosa para este título: "Assim, São Bernardino de Siena escreve, que 'todos os dons e graças que recebemos de Deus são dispensados pelas mãos de Maria, para quem, quando e como ela quiser'. Isso ela mesma diz: "Comigo estão as riquezas... para que eu possa enriquecer aqueles que me amam.'"

Galadriel é a dispensadora de graças a quem ela escolhe. No final da história, Legolas e Gimli desenvolveram uma profunda amizade, e juntos eles navegam através do mar, um

privilégio normalmente não concedido aos Anões. Mas, de acordo com o apêndice, "[Galadriel], sendo poderosa entre os Eldar, obteve esta graça para ele" (Tolkien, 2000a, apêndice, p. 451).

O papel de Maria como poderosa intercessora era um tema frequente na Idade Média, e foi por essa razão que ladainhas foram criadas em sua honra. Outro exemplo de Galadriel como dispensadora de graças ocorre quando a Sociedade se prepara para a partida de Lórien. É neste ponto que Gimli pede um fio de cabelo que ele promete colocar em cristal imperecível – um tipo de relicário – um "penhor de boa vontade entre a montanha e o bosque" (Tolkien, 2000a, p. 487). Outro presente é uma pequena caixa de terra de Lórien dada a Samwise, que ele usa para curar o Condado flagelado. Essa restauração ambiental contrasta com a própria natureza teológica da degradação trazida por Saruman, a qual rebaixa a criação através do império cego da técnica e da cobiça industrial (Caldas Filho, Sugamosto, 2020). É por causa deste presente, em parte, que o Condado retorna à saúde. Maria, na Ladainha de Loreto, é conhecida como *Salus Infirmorum*, *Saúde dos Enfermos*.

Após o reconhecimento do Anel e sua missão, Galadriel faz uma declaração ousada: "Fui eu quem convocou o Conselho Branco" (Tolkien, 2000a, p. 462). O Conselho Branco pode ser considerado a sabedoria coletiva da Terra-média, e ao reivindicar o *locus* do conselho, Galadriel reivindica para si o assento ou a localização desta sabedoria coletiva. A imagística medieval, particularmente a iconografia grega, considera Maria a *Sedes Sapientiae*, *Sede da Sabedoria*, outra designação dada a Maria na Ladainha de Loreto.

Como o próprio Tolkien admitiu, ele empregou "ensinamento e imaginação católicos sobre Maria" (Lakowski, 2007, p. 91-92) na criação da personagem de Galadriel. A pergunta mais importante permanece em como essa imagística mariana aprofunda nossa compreensão da personagem de Galadriel e o papel que ela desempenha na história.

Tolkien associa Galadriel a Maria para movê-la em direção ao caráter de Maria. Galadriel, por causa de sua rejeição da bondade, não é uma alegoria de Maria, que era sem pecado. Neste ponto de sua vida, no entanto, ela assume alguns aspectos do caráter de Maria: ou seja, ela nega o eu e se move para aceitar a vontade de outro para promover um bem maior. Na Anunciação, Maria se fez completamente aberta à vontade de Deus. Este era o caráter de Maria. Esta negação do arbítrio é o oposto da primeira grande escolha de Galadriel, que, antes da história da trilogia, era retratada como desobediente às forças do bem.

Vê-se a luta que ela suporta quando Frodo lhe oferece o Um Anel, uma possível referência a uma fraqueza passada. Galadriel é tentada a substituir o Senhor Sombrio por uma rainha terrível, mas rejeita essa tentação e permanece fiel ao que ela sabe ser o melhor,

mesmo que isso signifique destruir o que é conhecido para alcançar o que é desconhecido. A rejeição definitiva de Galadriel ao poder ocorre em um jardim, assim como o ato de desobediência de Eva ocorreu em um jardim.

Pintores medievais e renascentistas, influenciados pela teologia vigente em suas respectivas épocas, retrataram a aceitação da vontade de Deus por Maria como a reversão perfeita da desobediência de Eva. Essas duas cenas, a rejeição da vontade de Deus por Eva em um jardim e a aceitação de Maria em um jardim, eram frequentemente pintadas no mesmo retábulo ou em um único painel. A rejeição formal de Galadriel ao Anel no jardim cercado foi antecipada quando ela ofereceu conselhos à Companhia em seu primeiro encontro. Neste encontro ela não recomendou uma escolha particular sua, mas os aconselhou a serem fiéis ao seu próprio curso. Neste momento, e novamente no jardim, Galadriel nega quaisquer inclinações em relação ao seu próprio arbítrio.

Esta atribuição de esvaziamento de si, o único desejo de fazer apenas a vontade de Deus, foi dada a Maria na ladainha sob o título de *Vas Insigne Devotionis*, *Vaso Insigne de Devoção*. Galadriel se prova fiel ao chamado de um bem maior quando nega o poder do Anel. Ao fazer isso, ela se destaca em contraste com aqueles que buscam usar seu poder para promover seu próprio arbítrio. Ela é uma das muitas personagens que escolhem negar o que o Anel representa. Para Gollum, esta busca pelo poder traz apenas uma existência prolongada e miserável que termina em uma morte em chamas. Mas para Galadriel, haverá um final diferente. Porque Galadriel negou seu próprio eu para promover um bem maior, a ela é dado um belo lugar além do mar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise minuciosa da personagem de Galadriel, através das diferentes etapas de sua criação por J.R.R. Tolkien, revela um fascinante processo de amadurecimento e *cristianização* de seu caráter. Inicialmente concebida como uma líder rebelde movida pelo orgulho e ambição, a Senhora de Lórien foi, com o tempo, reformulada para encarnar virtudes que ressoam profundamente com a teologia católica, especialmente a devoção mariana. A partir dos estudos das inconsistências entre os primeiros rascunhos, a versão de *O Silmarillion* e os escritos tardios de Tolkien, percebe-se que não há apenas um exercício de filologia, mas a chave para compreender a jornada de penitência e redenção de Galadriel.

A pesquisa demonstrou que, embora Galadriel tenha sido inicialmente implicada no *pecado de omissão* do fratricídio de Alqualondë, sua história evoluiu para um arco de

redenção centrado no pecado do orgulho. Essa mudança, como o próprio Tolkien admitiu, foi diretamente influenciada por sua fé católica. A comparação entre Galadriel e a Virgem Maria, embora rejeitada por Tolkien como uma analogia direta, revela paralelos simbólicos e temáticos inegáveis. A Ladainha de Loreto, em particular, surge como um *manual de imagística* para Tolkien, uma fonte rica de títulos e qualidades marianas que ele habilmente teceu na caracterização de Galadriel em seu reino de Lórien.

A terra de Lórien, descrita como a *Casa de Ouro* (*Domus Aurea*) e *sem mancha* (*Mater Inviolata*), reflete a pureza e o refúgio associados a Maria. Galadriel, por sua vez, assume papéis como *Rainha da Paz* (*Regina Pacis*) e *Refúgio dos Pecadores* (*Refugium Peccatorum*), evidenciados na reconciliação entre Legolas e Gimli. Ela é a *dispensadora de graças* (*Mater Divinae Gratiae*), concedendo a Gimli a oportunidade de visitar Valinor, e a *Saúde dos Enfermos* (*Salus Infirmorum*), curando o Condado com a terra que oferece a Sam. A personagem também se manifesta como a *Sede da Sabedoria* (*Sedes Sapientiae*) e a *Mãe do Bom Conselho* (*Mater Boni Consilii*), guiando a Sociedade sem impor sua vontade, mas inspirando a fidelidade à missão. O próprio ato de Galadriel testar-se no Espelho, o *Espelho da Justiça* (*Speculum Justitiae*), e sua luta contra a tentação do Anel, remetem diretamente à humildade de Maria na Anunciação, em oposição à desobediência de Eva.

O ápice dessa transformação ocorre na cena da tentação do Anel. A recusa de Galadriel, que culmina na declaração "Eu diminuirei", é o ato de penitência que inverte sua escolha inicial de orgulho e poder. É neste momento de renúncia do próprio eu que ela se aproxima do ideal mariano de entrega à vontade de um bem maior. O Anel, que para muitos traria a perdição, é para ela o instrumento de sua salvação. Ao passar no teste, Galadriel não apenas garante seu perdão, mas se torna digna da passagem para o Oeste, um retorno há muito desejado, mas que só se torna possível quando ela deixa de buscar a autoridade e o controle.

Em última análise, Galadriel não é uma alegoria de Maria, mas uma reflexão sobre a jornada de redenção que a teologia católica ensina. Ela é um *navio* que se move em direção à pureza e à humildade, um *Vaso Insigne de Devoção* (*Vas Insigne Devotionis*) que, ao negar a si mesma, torna-se um canal para a graça. A saga de Galadriel é uma poderosa narrativa sobre a redenção do orgulho por meio da humildade, do perdão pelo arrependimento e da luz que brilha mais intensamente após a escuridão. Sua história, enriquecida por décadas de reflexão de seu criador, permanece como um dos mais belos e complexos exemplos de como a *imaginação católica* de Tolkien moldou o cerne de sua obra, oferecendo aos leitores, católicos ou não, uma profunda lição sobre a natureza do poder, da graça e do livre-arbítrio.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica.** Coordenação-geral de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Loyola, 2005.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. **Numen:** Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 11-40, 2000.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CALDAS, Carlos; SUGAMOSTO, Alexandre. Terra-média na penumbra: a natureza teológica do mal em O expurgo do Condado. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 3, p. 900-917, 2020. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/34. Acesso em: 6 out. 2026.

CLARAVAL, São Bernardo de. **Homilias em louvor da Virgem Mãe** = *Homiliae in laudibus Virginis Matris*. Tradução de Maria do Carmo Lacerda. São Paulo: Edições Paulinas, 1999.

DURIEZ, Colin. **O dom da amizade:** Tolkien e C. S. Lewis. Tradução de Suzana Caldas. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DURIEZ, Colin. **The Tolkien and Middle-Earth Handbook**. Lisle: InterVarsity Press, 1992.

HARVEY, David. **The Song of Middle-earth:** J. R. R. Tolkien's themes, symbols and myths. London: Unwin Hyman, 1985.

LAKOWSKI, Romuald Ian. The Fall and Repentance of Galadriel. **Mythlore**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 91-104, 15 abr. 2007. Disponível em: https://dc.swosu.edu/mythlore/vol25/iss3/9. Acesso em: 31 ago. 2025.

LIGÓRIO, Afonso Maria de. **As Glórias de Maria**. Tradução de Geraldo Pires de Souza. 24. ed. Aparecida: Santuário, 2020.

LUTERO, Martinho. O Magnificat: o louvor de Maria. *In:* LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas:** interpretação bíblica; princípios hermenêuticos e textos poéticos e sapienciais. v. 6. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1999. p. 115-184.

MAHER, Michael W. "A Land without Stain": Medieval Images of Mary and their use in the Characterization of Galadriel. *In:* CHANCE, Jane (org.). **Tolkien the Medievalist.** London; New York: Routledge, 2003. p. 225-236.

MANZATTO, Antonio. **Teologia e literatura:** uma reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

RUTLEDGE, Fleming. **The Battle for Middle-earth:** Tolkien's Divine Design in The Lord of the Rings. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2004.

SEMMELMANN, Cristina Casagrande. **Em boa companhia:** a amizade em O Senhor dos Anéis. 2017. 210 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Inglesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: https://doi.org/10.11606/D.8.2017.tde-17042017-105219.

TOLKIEN, J. R. R. **A Sociedade do Anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

TOLKIEN, J. R. R. **As Duas Torres**. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

TOLKIEN, J. R. R. **O Retorno do Rei**. São Paulo: Martins Fontes, 2000c.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. Edição de Christopher Tolkien. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Albeir Ferraz. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

TOLKIEN, J. R. R. **The Letters of J. R. R. Tolkien**. Edição de Humphrey Carpenter e Christopher Tolkien. London: HarperCollins, 1995.

TOLKIEN, J. R. R. **The Peoples of Middle-earth**. Edição de Christopher Tolkien. London: HarperCollins, 1996. (The History of Middle-earth, v. 12).

TOLKIEN, J. R. R. **The Treason of Isengard**. Edição de Christopher Tolkien. London: HarperCollins, 1989. (The History of Middle-earth, v. 7).

Declaração de uso de Inteligência Artificial: *A autora declara não ter utilizado sistemas de IA no desenvolvimento deste trabalho.*

Conflito de interesses: *A autora declara não haver.*

Recebido em: *03-06-2026*

Aprovado em: *14-09-2026*

Publicado em: *27-11-2026*

Editor-gerente: *Moisés Sbardelotto*